

Covas tenta evitar euforia

Sebastião Pedra

Aclamado por tucanos como o candidato do partido em 2002, o governador não quer ter seu nome lançado na convenção do PSDB

O desafio do governador Mário Covas, hoje, na convenção nacional do PSDB, é segurar os mais afoitos que querem lançar desde já sua candidatura à presidência da República em 2002. Ele foi recebido, ontem, no aeroporto, por dezenas de tucanos e com aplausos no seminário do partido. "É claro que dá para segurar e não lançar candidatura nenhuma", disse o governador que já é considerado por todo o partido o nome natural da legenda para a candidatura presidencial. "O partido se une em torno de Covas que é nossa estrela guia", disse o presidente do PSDB, senador Teotônio Vilela.

A presença de Mário Covas deu novo ânimo ao seminário tucano que foi realizado ontem no Hotel Nacional, paralelamente às negociações para a composição da comissão executiva do partido. Na entrada do hotel, vários tucanos, entre eles a ministra da Administração, Cláudia Costin, o saudaram como o futuro candidato do partido. "Presidente em 2002", "Éta presidente", gritaram muitos a Covas, lembrando o slogan da última campanha do presidente Fernando Henrique Cardoso.

O articulador do Governo e ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga confirmou que Covas é o nome preferido do partido, mesmo informalmente. "Candidato informal ele (Covas) já é porque é a vontade do partido, o que não se pode fazer é apressar o processo eleitoral", argumentou.

Covas, no entanto, não quis comentar a indicação do seu nome, e tentou esfriar os ânimos dos mais exaltados, aconselhando. "Essa luta



Covas com Vilela e Mendonça de Barros (de pé): "O partido precisa ter juízo suficiente para não entrar numa luta errada"

agora é irreal; já temos problemas demais e não precisamos arranjar outros", disse aos deputados. "O partido precisa ter juízo suficiente para não entrar numa luta errada", completou.

Em entrevista, Covas argumentou que os partidos precisam avaliar as conveniências de lançar uma candidatura agora, alfinetando o PFL que lançou informalmente a candidatura do senador Antonio Carlos Magalhães. "Ao PSDB não faz sentido", disse o governador, observando que o melhor caminho para o partido é fortalecer o governo Fernando Henrique e prestigiar o Presidente. "Se começar uma campanha agora acaba o Governo", disse, lembrando mais uma vez que foi a estabilidade econômica que deu a reeleição ao presidente Fernando Henrique.

Para ele, o Governo pode estar com baixa popularidade, como atestam as pesquisas, mas isso pode ser revertido à medida em que a economia se recupera. "É como um navio que enfrenta ondas mais fortes ou mais fracas", comparou.

O ministro da Educação, Paulo Renato Souza, disse que concorda com o governador Mário Covas de que não é hora de lançar um nome para a corrida presidencial, mas momento de os partidos aliados se concentrarem em fazer um bom governo. "Se nós não nos preocuparmos em fazer um bom governo agora, nós não teremos 2002 para nenhum dos partidos da base aliada do Governo", avisou.

Nos bastidores da convenção, a única certeza entre os tucanos era a recondução de Teotônio Vilela à pre-

sidência do PSDB. A secretaria-geral estava em disputa. O primeiro a lançar-se foi o deputado Márcio Fortes (RJ), que já havia antecipado a escolha do seu nome na quinta-feira, mas a representação de São Paulo reivindicou o posto. Os nomes cotados eram de Alberto Goldman e Paulo Gobayashi.

Polêmica também foi criada em torno da indicação do ex-presidente do BNDES Luiz Carlos Mendonça de Barros para a vice-presidência do partido, devido ao seu envolvimento no escândalo dos telefones grampeados, mas ainda assim, seu nome que deverá ser acatado hoje pelos tucanos que o receberam com festa na convenção. O ministro Pimenta da Veiga não escondeu a opinião do partido. Perguntado se Mendonça de Barros seria aceito para a executi-

va do PSDB ele afirmou que "a maioria concorda".

Na convenção o PSDB vai criar cinco vice-presidências temáticas na comissão executiva nacional que será eleita hoje. São elas: de relacionamento com prefeitos (com vistas às eleições do ano que vem); a de projeto eleitoral (a sucessão presidencial) a de relações internacionais; a de política econômica e de organização partidária. Também será reativado o conselho político formado pelos governadores e ex-presidentes do partido e mais cinco nomes proeminentes da legenda. Neste caso se enquadram o ministro José Serra.

**CRISTIANA LÔBO e
HELAYNE BOAVENTURA**
Repórteres do Jornal de Brasília